**ROMANTISMO NO BRASIL - (1836-1881)**

**Características gerais**:

Começa o Romantismo no Brasil em 1836, com a publicação de ***Suspiros Poéticos e Saudades***, de Gonçalves de Magalhães. Aparece também, nessa época, a revista Niterói, com ideias românticas de Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e torres homem.

O Romantismo no Brasil abrange o período que vai de 1836 a 1881, quando surge O Mulato, de Aluísio Azevedo, com ideias realistas e naturalistas. Durante esse período de quase meio século, dominaram nas letras brasileiras: o eu; o sentimentalismo; o nacionalismo; o indianismo; o liberalismo.

**Outras características:**

**a)** **Subjetivismo**: Consiste na valorização do indivíduo, do seu mundo interior, da sua consciência. É o culto do eu. O assunto passa a ser manifestado a partir do artista. É a consagração do indivíduo contra o homem universal do Classicismo. O artista já pode trazer "à tona o seu mundo interior, com plena liberdade". Liberdade que vai impor-se também na forma.

b***)* Sentimentalismo**/**egocentrismo**: A liberdade que o subjetivismo trouxe ao artista, permitiu-lhe explorar o sentimento, um campo inexplorado ainda porque o classicismo não o admitira.

De início, o sentimentalismo foi mantido no meio termo. Mais tarde, porém, houve um verdadeiro abuso, tomando "proporções de epidemia, degenerando numa tristeza vaga, numa insaciedade tediosa e docemente mórbida: o mal-do-século".

Nota-se, que a religiosidade (sentimento religioso) e não religião é que aparece com muita frequência em todos os autores.

***c)* Nacionalismo**: *O Romantismo aboliu toda fonte alienígena de inspiração, como a mitologia pagã do Classicismo, os poetas* bucólicos e italianos do Arcadismo, substituindo-a por temas nacionais: história, tradições, natureza, folclore, índio, heroísmo pátrio, sociedade e outros. Houve até a tentativa de criar uma língua brasileira, diferente da de Portugal. Como o Brasil não teve Idade-Média, os românticos brasileiros voltaram-se para o passado recente do Brasil-colônia e/ou para

o elemento indígena.

***d)* Culto da natureza**: Mesmo que o culto à natureza venha de outras escolas literárias principalmente da arcádica, o Romantismo lhe dá um sentido totalmente diferente. Enquanto a natureza, no Arcadismo, era moldura, enfeite e refúgio, no Romantismo participa, fala, comunica-se, tem sentimentos. Os poetas se completam na natureza. Os prosadores dela precisam para dar vida às suas obras.Daí o gosto romântico pelo mar, pelas montanhas, florestas, ruínas, noite, lua, paisagens exuberantes.

***e)* Idealização**:

***-*** da **mulher*:*** A mulher dos prosadores românticos é a ideal. Soma de todas as qualidades: feminina, carinhosa, fiel, alegre, formosa, disputada, centro de todas as atenções e desejada por todos. Vejam-se Carolina, Ceci, Inocência...

***-*** do **herói*:*** Muitos dos personagens são construídos fora das limitações humanas e até do bom senso. Veja-se Peri.  
***-*** do **mundo*:*** Mundo este onde os poetas sonhavam e construíam perfeito. Para onde pudessem fugir buscando lenitivo ao seu sofrimento. Esta idealização é fomentada pelo sonho, pela imaginação, pelo mistério, pelo exagero e "ânsia de glória", próprios dos românticos.

***f)* Liberdade de forma**: O Romantismo, deu-lhe a liberdade de alterar, simplificar, renovar e atualizar a forma ou mesmo criar outras. Com isto, veio a simplificação dos gêneros. A padronização clássica foi superada. O teatro por exemplo, perdeu as unidades de tempo e consagrou-se em prosa. As rimas não se sujeitaram mais às normas anteriores. Surgiu o romance histórico.

**PROSA ROMÂNTICA**

José de Alencar é um dos ***maiores*** ***representantes*** ***do*** ***romantismo*** ***no*** ***Brasil*** e um dos principais nomes da literatura nacional. O autor ficou marcado por investir em uma literatura nacional , menos influenciada pelos colonizadores portugueses. Como resultado, as obras de Alencar ***apresentam*** ***a cultura do povo, a história e as regiões brasileiras com uma linguagem inovadora para a época.***

Trabalhou como jornalista, como muitos escritores, e teve atuação também na política, mas foi na literatura que recebeu maior reconhecimento. Elogiado pelos pares, ficou amigo de Machado de Assis, que o nomeou patrono da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, fundada depois de sua morte.

Apesar da pouca idade, morreu com 48 anos, sua obra é extensa. “O Guarani”, “Senhora”, “Til”, “Iracema” e “A Viuvinha” são alguns romances importantes do autor. Vale ressaltar que ***as histórias foram publicadas primeiramente em folhetins.***

**MOVIMENTO LITERÁRIO**

José de Alencar é tradicionalmente classificado como um escritor do romantismo, mais especificamente da primeira fase do movimento literário. Mas suas obras chegam a apresentar características do movimento seguinte, o realismo. As obras do autor podem ser **indianistas**, **urbanas, regionalistas ou históricas**.

**ESTILO**  
 A literatura brasileira foi baseada por um longo período na literatura portuguesa, dos colonizadores. José de Alencar buscou, através de seus escritos, ressaltar uma linguagem mais nacional. Foi muito criticado pela atitude, mas a inovação ajudou a estabelecer um estilo literário com características brasileiras.

Nas suas obras, Alencar demonstra uma preocupação com a cultura nacional. Buscando retratar o Brasil através de diferentes temáticas: **indianistas**, **regionalistas**, **históricas** e **urbanas**. Nas **narrativas** **urbanas**, costuma fazer ***críticas à sociedade da época, em especial à desigualdade social***, um exemplo pode ser visto no livro “Senhora”

As ***obras*** ***indianistas*** apresentam o ***índio*** ***de forma idealizada.*** Nas histórias de Alencar, ***o branco é tido como o vilão e o índio como homem bom e puro.*** “Iracema”, de 1865, e “Ubirajara”, de 1874, continuam a temática indianista iniciada em “O Guarani”.

Fatos marcantes da história também foram temas na escrita do autor, que tratou da colonização e da exploração do ouro, por exemplo. Nas ***histórias*** ***regionalistas***, Alencar ***fala*** ***dos costumes do campo e da cultura mais natural, longe dos centros urbanos***. O interior de São Paulo, os pampas gaúchos e o sertão do nordeste foram retratados nos romances. Essas obras são inspiradas por uma memória da infância, quando o jovem autor viajou pelo interior do nordeste.

Os críticos costumam dividir em quatro as fases principais da produção de José de Alencar:

**a) urbana ou social:**As características principais dos romances urbanos ou sociais são:

- final feliz ou ideal;  
- prevalência do amor verdadeiro;  
- protagonistas femininas (que refletem um "ideal de feminilidade");  
- retrato das relações familiares;  
- ambiente doméstico;  
- casamentos;  
- questões financeiras (heranças, dotes, títulos, falências...);

Os três romances mais conhecidos dessa fase são:

**Lucíola** (1862), **Diva** (1864) e **Senhora** (1875) que fazem parte da chamada trilogia "perfis de mulheres". Eles retratam uma sociedade elegante marcada pela ascensão da burguesia carioca empenhada em seguir a moda das cidades europeias, mais notadamente de Paris, no que diz respeito tanto às vestimentas quanto à vida cultural no período do Segundo Reinado.

Os enredos, dramáticos, seguem uma estrutura tradicional das histórias de amor: situação inicial - conflito/quebra - reparação/solução. O drama quase sempre gira em torno de um jovem casal que precisa enfrentar obstáculos sociais, geralmente envolvendo questões financeiras, se quiserem ficar juntos.

Cinco Minutos (1856), A viuvinha (1860), Lucíola (1862), Diva (1864), A pata da gazela (1870), Sonhos d'ouro (1872), Senhora (1875), Encarnação (1893);

**b) indianista:** O Guarani (1857), Iracema (1865), Ubirajara (1874);

**c) histórico:** As Minas de Prata (1865), Guerra dos Mascates (1873);

**d) regionalista**: O gaúcho (1870), O Tronco do Ipê (1871), Til (1872), O Sertanejo (1875);

**A PROSA ALENCARIANA**

**LUCÍOLA** **(1862)** - o romance conta a história de amor entre um jovem rapaz que chega ao Rio de Janeiro e a cortesã de luxo Lúcia. Narrado em primeira pessoa pelo personagem Paulo Silva, o romance é escrito sob a forma de cartas, enviadas por Paulo para uma senhora, G. M., que mais tarde as publica sob a forma de um romance.

Ao chegar na cidade, Paulo sai com um amigo para conhecer a cidade quando, na Rua das Mangueiras, avista uma bela moça dentro de um carro por quem se encanta. Dias depois, revê a moça na festa religiosa de Nossa Senhora da Glória e fica sabendo, no entanto, que a bela moça é a prostituta mais luxuosa e cobiçada da cidade. Paulo então a procura com desejo de possuí-la e os dois acabam se encantando um pelo outro, como amigos e amantes. Os amigos de Paulo tentam persuadi-lo acerca da índole da moça, além de sugerir que a moça é caprichosa, excêntrica e avarenta, o que faz com que o moço se questione acerca das intenções de Lúcia.

Um dos amigos de Paulo, o Sá, organiza uma festa na qual convida, entre outros, a Lúcia. A festa, na realidade, era apenas um pretexto para mostrar a Paulo que tipo de mulher era Lúcia. No meio da janta, ela se levanta e começa, nua, a imitar as poses lascivas dos quadros expostos na sala mediante pagamento dos convidados. Momentos mais tarde, os dois amantes se encontram no jardim e Lúcia se justifica, dizendo que fez o que fez em um momento de desespero, pois Paulo havia zombado dela anteriormente. Em seguida, os dois se entregam ao amor.

Paulo passa a viver com Lúcia, que se redime de sua condição de prostituta e deseja viver única e exclusivamente para seu amor. Para isso, deixa de frequentar a sociedade e volta-se para seu amor com Paulo. Cometida por um sentimento de amor puro, Lúcia transforma-se consideravelmente, passando a, inclusive, a não querer mais se entregar fisicamente para Paulo, que não compreende essa mudança de atitude. Esse novo estilo de vida levanta uma série de reprovações por parte dos amigos de Paulo, que reprovam sua atitude. Lúcia, querendo salvar-lhe a reputação, dispõe-se a voltar a aparecer em sociedade, acarretando mais reprovações por parte de Paulo. Os dois não se entendem mais e Lúcia adoece.

A partir de então, Paulo passa a respeitá-la, pois compreende que a moça, na verdade, o ama em espírito e confia nele a ponto de contar-lhe seus segredos e a história de sua vida. Ela, na verdade, chama-se Maria da Glória e era uma criança feliz e inocente até que, aos 14 anos, a febre amarela levou consigo toda sua família. Para sobreviver, precisou pedir ajuda a um rico vizinho, em troca de sua inocência. O pai, que sobrevivera graças a ajuda conseguida pela filha, expulsou a moça de casa ao saber da procedência do dinheiro. Maria da Glória, então, foi acolhida por uma cafetina que a conduz à prostituição.

Na nova profissão, Maria da Glória fez amizade com outra moça que passara pelos mesmos infortúnios. Lúcia era seu nome, e a moça veio a falecer pouco tempo depois. Maria da Glória, então, colocou seu próprio nome no atestado de óbito e passou a assumir a identidade da amiga morta. Com a morte dos pais, a nova Lúcia passou a guardar todo o dinheiro possível para garantir a educação da irmã Ana, que passou a viver em um colégio. Lúcia, então, falece e pede a Paulo que cuide de sua irmã Ana como se fosse sua própria filha, para que nada falte à menina.

O final do romance é considerado "ideal", pois não rompe as barreiras sociais que recaíram sobre o casal. A união dos dois personagens não é apropriada, e não era vista com bons olhos pela sociedade conservadora da época. Por isso, Alencar precisou dar um fim trágico a sua personagem, porém, redimindo-a de sua vida de pecadora com a morte e com o amor verdadeiro.

É dito que o título do romance é uma alusão a Lúcifer, o diabo, dando a entender o caráter dúbio e incompreensível do amor e da sexualidade feminina.

**DIVA (1864)**

A obra inicia quando Emília, com a idade de 14 anos nesse ponto, fica gravemente doente e seu irmão, Geraldo, chama um amigo que havia acabado de se formar médico, Augusto Amaral, para que cuide da garota. Emília era uma adolescente feia por ser muito magra e muito alta, o que fazia de seu jeito retraído, tímido e recatado. Além disso, Emília era extremamente rica, por ser filha de um grande capitalista da época, D. Duarte. Augusto então vai até a casa de Emília para exercer suas funções de médico, mas encontra grande dificuldade pelo temperamento da moça, que não admite ser tocada e cria por ele uma forte inimizade. Após dias e noites de cuidados médicos, Emília é curada de sua doença. D. Duarte oferece a Amaral uma grande recompensa pela vida da filha, mas ele se encontra satisfeito apenas por ter salvado a vida de alguém e por isso promete a Duarte que se um dia precisar do dinheiro o procurará.

Augusto então viaja para Europa com o intuito de se especializar em sua profissão. No caminho para Europa, ao fazer uma parada em Recife, conhece Paulo, protagonista da obra Lucíola, também de José de Alencar. Com Paulo ele cria uma amizade e após se separarem eles passam a se corresponder através de cartas, onde Augusto conta sua história com Emilia. Ao voltar da viagem, encontra Emília já com seus 18 anos e vê que nela houve uma incrível transformação. Emília se tornou a moça mais bonita da corte, a diva dos salões. Augusto tenta se aproximar de Emília, mas esta o trata com grande hostilidade, o que não impede que Amaral por ela se apaixone.

Após inúmeras humilhações Amaral decide se vingar de Emília. É quando Geraldo entra novamente na história, pois a pedido da irmã ele deve ajudar uma jovem órfã, mas por não ter interesse em ajudar passa essa responsabilidade para Amaral. Augusto então vai à casa de Emília e pede a D. Duarte uma pequena quantia por ter salvado a vida de Emília e deixa subentendido que para ele aquele é o seu valor. Amaral então volta pra casa crendo que sua história com Emília acabou, mas ela organiza um jantar e o convida. No jantar Emília declara a Amaral que ela queria muito amar alguém e ele era o único que para ela poderia obedecer a esse cargo de seu amante, pois para ela todos os outros rapazes só a queriam pelo seu dinheiro e ela o tratava mal por medo de que ele acabasse com suas expectativas, sendo mais um interesseiro.

Amaral e Emília então criam uma espécie de relacionamento. Emilia pede um ano a Amaral para ver se ela se apaixonará por ele. Emília apresenta uma personalidade bipolar a Amaral, ela em certos momentos o trata com ternura e em outros o humilha. Amaral após muitas desavenças desiste de Emília e o casal fica um mês sem se ver. Quando se reencontram Emília e Amaral discutem sobre o amor, Amaral tenta beijá-la e ela o estapeia. Em um momento de fúria Amaral a joga no chão e é nesse instante que Emília descobre estar apaixonada e ele então vai embora assustado. Após Emília enviar uma carta a Amaral se declarando eles enfim se casam.

**SENHORA (1875)**

"Senhora" traz características inequivocamente românticas, como se pode ver pelo núcleo de seu enredo, simples, atrelado ao esquematismos dos dramas de amor do romantismo: Aurélia Camargo, filha de uma pobre costureira, apaixonou-se por Fernando Seixas, quem namorou. Este, porém, desfez a relação, movido pela vontade se casar com uma moça rica, Adelaide Amaral. Passado algum tempo, Aurélia, já órfã, recebe uma grande herança do avô e ascende na escala social. Ainda ressentida com o antigo namorado, resolve vingar-se dele. Sabendo que Fernando, ainda solteiro, andava em dificuldades financeiras, resolve comprá-lo para marido. Na época, o Segundo reinado, vigora o regime de casamento dotal, em que o pai da noiva (ou, no caso, ela mesma) deveria dar um dote ao futuro marido. Assim, através de um procurador, Fernando recebe uma proposta de casamento e a aceita sem saber exatamente com quem se casará - interessa-lhe apenas o dinheiro, cem contos de réis, que vai receber por isso. Ao descobrir que sua noiva é Aurélia, Fernando se sente um felizardo, pois, na verdade, nunca deixara de amá-la. E abre seu coração para ela. A jovem, porém, na noite de núpcias, deixa claro: "comprou-o" para representar o papel de marido que uma mulher na sua posição social deve ter. Dormirão em quartos separados. Aurélia não só não pretende entregar-se a ele, como aproveita as oportunidades que o cotidiano lhe oferece para criticá-lo com ironia. Durante meses, uma relação conjugal marcada pelas ofensas e o sarcasmo se desenvolve entre os dois. Fernando, todavia, trabalha e realiza um negócio que lhe permite levantar o dinheiro que devia a Aurélia. Desse modo, propõe-se a restituir-lhe a quantia em troca da separação. Considerando o gesto uma prova da regeneração de Fernando, Aurélia, que nunca deixara de amá-lo, é vencida pelo amor. Ao receber o dinheiro, entrega-lhe a chave de seu quarto e o casamento se consuma, afinal.

1. Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu… mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo\*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.”

(Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias)

Glossário:  
(\*) fâmulo: empregado, criado

Neste excerto, mostra-se que o compadre provinha de uma situação de família irregular e ambígua. No contexto do livro, as situações desse tipo

1. caracterizam os costumes dos brasileiros, por oposição aos dos imigrantes portugueses.
2. começam a ser corrigidas pela doutrina e pelos exemplos do clero católico.
3. contrastam com os rígidos padrões morais dominantes no Rio de Janeiro oitocentista.
4. ocorrem com frequência no grupo social mais amplamente representado.
5. são apresentadas como consequência da intensa mestiçagem racial, própria da colonização.

A partir do texto, responda as questões 2 e 3.

“Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³ . Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.”

(Manuel Antônio de Almeida, “Memórias de um sargento de milícias”)

Glossário:  
1- algibebe: mascate, vendedor ambulante.

2- saloia: aldeã das imediações de Lisboa.

3- maganão: brincalhão, jovial, divertido.

1. Neste excerto, o modo pelo qual é relatado o início do relacionamento entre Leonardo e Maria:
2. evidencia a brutalidade das relações inter-raciais, própria do contexto colonial-escravista.
3. manifesta os sentimentos antilusitanos do autor, que enfatiza a grosseria dos portugueses em oposição ao refinamento dos brasileiros.
4. opõe-se ao tratamento idealizante e sentimental das relações amorosas, dominante no Romantismo.
5. reduz as relações amorosas a seus aspectos sexuais e fisiológicos, conforme os ditames do Naturalismo.
6. revela os preconceitos sociais do autor, que retrata de maneira cômica as classes populares, mas de maneira respeitosa a aristocracia e o clero.
7. No excerto, o narrador incorpora elementos da linguagem usada pela maioria das personagens da obra, como se verifica em:
8. aborrecera-se porém do negócio.
9. amantes tão extremosos.
10. de que o vemos empossado.
11. envergonhada do gracejo.
12. rechonchuda e bonitota.
13. Talvez julguem que isto são voos de imaginação: é possível. Como não dar largas à imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quase fantásticas, quando a civilização faz prodígios, quando no nosso próprio país a inteligência, o talento, as artes, o comércio, as grandes ideias, tudo pulula, tudo cresce e se desenvolve?

Na ordem dos melhoramentos materiais, sobretudo, cada dia fazemos um passo, e em cada passo realizamos uma coisa útil para o engrandecimento do país.

ALENCAR, J. Ao correr da pena. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 12 ago. 2013.

No fragmento da crônica de José de Alencar, publicada em 1854, a temática nacionalista constrói-se pelo elogio ao(à)

1. imaginação exacerbada.
2. imponência civilizatória.
3. inteligência brasileira.
4. passado glorioso.
5. progresso nacional.

**Mina do Condomínio**

Tô namorando aquela mina  
Mas não sei se ela me namora  
Mina maneira do condomínio  
Lá do bairro onde eu moro

Seu cabelo me alucina  
Sua boca me devora  
Sua voz me ilumina  
Seu olhar me apavora  
Me perdi no seu sorriso  
Nem preciso me encontrar  
Não me mostre o paraíso  
Que se eu for, não vou voltar

Eu digo "oi" ela nem nada  
Passa na minha calçada  
Dou bom dia ela nem liga  
Se ela chega eu paro tudo  
Eu mando um beijo ela não pega  
Pisco olho ela se nega  
Faço pose ela não vê  
Jogo charme ela ignora  
Chego junto ela sai fora  
Eu escrevo ela não lê

Minha mina  
Minha amiga  
Minha namorada  
Minha gata  
Minha sina  
Do meu condomínio  
Minha musa  
Minha vida  
Minha monalisa  
Minha vênus  
Minha deusa  
Quero seu fascínio...  
 (Mina do Condomínio - Seu Jorge.)

1. Embora evidentemente contemporânea, a letra da música apresenta uma importante característica romântica, que é a/o
2. idealização da mulher, demonstrada nos versos “Minha musa, / minha sina, / minha deusa.”
3. ilogismo, representado nos versos “Eu digo "oi" ela nem nada  
   Passa na minha calçada.’
4. individualismo, como se vê no verso “Eu escrevo ela não lê’.

Lá do bairro onde eu moro”.

1. melancolia, comprovada na passagem “Mina maneira do condomínio
2. senso de mistério, explicitado nos versos “Minha vênus/Minha deusa/.  
   Quero seu fascínio.’

**GABARITO:**

1. D
2. C
3. E
4. E
5. A